

I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

12 a 14 de setembro de 2017- Naviraí-MS



SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DE MÉTODOS DE OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO À PESQUISA QUALITATIVA EM ADMINISTRAÇÃO: Um estudo sobre a Análise de discurso francesa de Michel de Pêcheux, suas possibilidades, resistências e limitações

Fábio da Silva Rodrigues

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Câmpus de Naviraí

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

fabiosrod@gmail.com

Eixo Temático: Educação, saúde e sociedade

RESUMO

Historicamente, a administração teve suas raízes fundadas em outras ciências ou áreas do conhecimento, sendo que neste processo, incorporara-se a estas áreas como a geografia, a história e a linguística, que chamaram nossa atenção, e aqui denominamos de métodos transpostos. Um destes domínios do conhecimento é a teoria/método da análise de discurso francesa (ADF), sob a perspectiva de Michel de Pêcheux, sob o qual nos detemos nesta pesquisa. Sendo assim, temos como objetivo neste artigo discutir as possibilidades, resistências e limitações da Análise de discurso francesa de Michel de Pêcheux ao campo dos estudos organizacionais a partir de uma pesquisa qualitativa, com pesquisa bibliográfica, revisão sistemática e discussão teórica. Quantos aos resultados: *i)* A ADF é simultaneamente teoria e método; *ii)* o movimento pendular de ir e vir entre teoria e análise é constitutivo da ADF; *iii)* considerar as relações entre lugar social do sujeito discursivo e as condições de produção do discurso são condições essenciais da ADF; *iv)* quanto compara à análise de conteúdo, a análise de discurso costuma ser mais crítica; *v)* a área de estudos organizacionais tem adotado a ADF em suas pesquisas, havendo no entanto a necessidade de um aprofundamento sobre como esse processo está ocorrendo.

Palavras-chave: Análise de discurso, métodos transpostos, estudos organizacionais.

1 INTRODUÇÃO

Neste processo de formação enquanto ciência e prática, a administração teve como sustentáculo diversas outras ciências e áreas do conhecimento, como já antecipamos: Desde a engenharia, economia e ciências contábeis, passando pela sociologia, psicologia e ciência política, ou mesmo as ligadas à tecnologia *hi tech*, como àquelas que dão suporte a área de Tecnologia da Informação (TI). Dentre estas, sobretudo focado na seara científica dos estudos organizacionais, destacamos os estudos sobre o discurso, mais especificamente sobre a análise do discurso (AD). Embora revisando as principais categorias e tipificações de análise de discurso, como corte epistemológico neste artigo, nos ateremos às discussões sobre a vertente da análise de discurso francesa (ADF), centrados na perspectiva de Michel de Pêcheux.

Deste contexto, surgem diversas inquietações. A partir desta aparente independência que a administração por ventura tenha conquistado neste século de história, pela profusão de técnicas, abordagens, modelos e metodologias, tanto teórico como práticos, nos questionamos se tal libertação de fato ocorreu? De alguma forma, ainda estamos presos às ciências que nos geraram enquanto teoria e prática? De fato, carecemos de alguma espécie de libertação destas origens? De que forma aceitamos ou rejeitamos os conhecimentos e técnicas de outras áreas de conhecimento a teoria e prática em administração que carregam em si potencialidades? Neste momento, não interessa julgar previamente se o estar preso ou estar liberto à/de outras áreas de conhecimento e ciências seja necessariamente positivo ou negativo. Interessamo-nos pela reflexão deste fenômeno, historicamente importante e recentemente reacendido nos estudos organizacionais, sendo esta a nossa problemática.

Sobretudo nas últimas três décadas Souza e Carrieri (2014), cresce no campo acadêmico dos estudos organizacionais a profusão de pesquisas científicas que tenham como fundamentos e pressupostos teórico-metodológicos, ontológicos e/ou epistemológicos, conhecimentos oriundos de outras áreas do saber, alheios à administração. Ainda recorrendo aos fundamentos da psicologia, da sociologia, da ciência política e da filosofia, acrescentamos a esta lista estudos de pesquisadores das áreas de geografia, sobretudo nas discussões sobre territorialidade, espaço e lugar, da história, nas pesquisas sobre o cotidiano, bem como da linguística, nos estudos sobre o discurso, para citar algumas aplicações. Buscamos neste artigo, focar atenção nos estudos sobre a análise do discurso francesa Pecheutiana e suas implicações aos estudos organizacionais.

Neste sentido, Pachi Filho e Pimentel (no prelo, p. 1), pesquisando sobre análise de discurso, apontam que, considerando o atual contexto acadêmico-científico, nota-se a

profusão de “confrontos teórico-metodológicos diretos ou impensados, apropriações e combinações *in-devidas*, desvios, negações e interdições *in-fundadas*”. Desta forma, “pelo *des*-conhecimento do saber outro e do saber do outro, significam a sua aceitação e/ou recusa”. Neste sentido, é fundamental, sobretudo “quando alguém afirma trabalhar com ‘análise de discurso’ é justamente [saber] de qual vertente/abordagem se trata”.

Godoi e Balsini (2006), citados por Souza e Carrieri (2014), falam sobre o crescente desenvolvimento da Análise de discurso nos estudos organizacionais, em suas perspectivas ontológicas, epistemológicas ou metodológicas. Salientam que tal processo acompanha uma série de transformações nas ciências sociais e humanas, especificamente nas ciências sociais aplicadas. Souza e Carrieri (2014), ainda argumentam que, a partir dos anos 1960, contrárias à supremacia dos modelos de pesquisa positivistas e quantitativas, ganham espaço as abordagens interpretativas da realidade.

Ponderamos que a transposição de contribuições práticas, teóricas e metodológicas de outras áreas científicas e do conhecimento, que desenvolvam o processo de gestão das organizações, bem como promovam a disseminação e o enriquecimento dos estudos organizacionais, desde que bem conduzidas, carregam em si potencialidades, tanto no campo empírico quanto científico. É fato que a transposição de métodos de outras áreas do conhecimento demanda cuidados e habilidades em sua condução. Neste sentido, nosso problema de pesquisa se constitui em discutir se, como e sob quais condições a Análise de Discurso francesa de Michel de Pêcheux contribui para a geração de conhecimento para a pesquisa qualitativa em administração?

Neste sentido, nosso objetivo geral neste artigo é discutir as possibilidades, resistências e limitações da Análise de discurso francesa de Michel de Pêcheux ao campo dos estudos organizacionais. Como objetivos específicos, temos os seguintes: *i)* apresentar a análise de discurso francesa na perspectiva de Michel de Pêcheux; *ii)* levantar registros bibliográficos sobre o emprego da análise de discurso no campo dos estudos organizacionais brasileiros; *iii)* discutir os desafios e oportunidades da análise de discurso Pêcheutiana ao campo dos estudos organizacionais; e *iv)* propor diretrizes sobre o uso da Análise de discurso nos estudos organizacionais no Brasil.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: A PERSPECTIVA DE MICHEL DE PÊCHEUX

Existem muitas formas de se estudar a linguagem. Quando focamos atenção na língua como sistema ou como sistema de regras formais, temos a linguística; quanto às normas de bem dizer, temos a gramática normativa. A própria palavra gramática, bem como a palavra língua, têm vários sentidos conforme a época, as tendências, os autores. Justamente por haver várias formas de significação, determinados estudiosos interessaram-se pela linguagem em uma forma singular, o discurso (ORLANDI, 2012).

Pachi Filho e Pimentel (no prelo) defendem que é essencial, quando se fale em análise de discurso, que saibamos justamente sobre qual vertente estamos falando. De forma geral, a análise do discurso pode ter diversas correntes e tipificações. Podemos considerar a análise crítica do discurso com base em Fairclough, que concebe a linguagem como uma forma de prática social; a análise de discurso de Foucault, ancorada na perspectiva da Arqueologia do saber; a análise de discurso de Bakhtin, concebendo a linguagem como interação social, bem como análise de discurso francesa suportada por Michel de Pêcheux. Neste artigo, nos interessamos pela perspectiva Pecheutiana do discurso, a Análise de discurso francesa, que como argumentam Indurski e Ferreira (2007), tem em Michel de Pêcheux, nos anos 1960, seu principal articulador.

As condições históricas para o surgimento da análise de discurso remontam à década de 1960, quando alguns autores começam a pensar as questões à respeito da interpretação. Para citar alguns ícones, Althusser em *ler o capital*, Foucault com a *Arqueologia do saber*, Lacan com a *Leitura de Freud*, Barthes, que considera a leitura como escrituras questionam o que ler quer dizer (Orlandi e Lagazzi Rodrigues, 2006). Segundo Orlandi (2012), nesta época, fundada por Pêcheux, a AD se constitui com base em um tripé de domínios disciplinares: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Para Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, P. 13), “[...] a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo”. Neste sentido, a análise de discurso:

Interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo histórico perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (Orlandi, 2012, p. 20).

Neste sentido, para Orlandi (2012, p. 19-20), na AD “procura-se compreender a língua não apenas como estrutura, mas, sobretudo como acontecimento”, já que, para além da estrutura, o sujeito de linguagem é descentrado, afetado pelo real da língua e pelo real da história, não controlando a forma como é afetado, o que implica em dizer que “o sujeito discursivo funciona também pelo inconsciente e pela ideologia”. Contrariando o princípio

adâmico, as palavras simples do nosso cotidiano já chegam a nós, os sujeitos, carregadas de sentidos, um já dito, que desconhecemos a constituição, mas, no entanto, “significam em nós e para nós”. Na visão de Grigoletto (2005, p. 62), “o ideológico e o inconsciente, a partir de Pêcheux, não podem mais ser pensados como elementos ‘residuais’ da linguagem, mas como elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, de todo e qualquer sujeito”.

Mas o que é o discurso? Pêcheux (2009) afirma que o discurso é efeito de sentidos que se dá numa relação entre sujeitos, que não controlam totalmente estes sentidos, porque, na condição de sujeitos de/da linguagem, estão submetidos a determinações sócio-históricas e ideológicas. Para Orlandi (2012), a visão de Pêcheux sugere que, no confronto com a história, entremeado pelo marxismo, a psicanálise e a linguística, emerge um espaço de compreensão chamada de entremeio, o *locus* onde se produz o discurso. Petri (2013), também corrobora com esta perspectiva, considerando a análise de discurso como uma disciplina de entremeio.

Neste sentido, o discurso é situado historicamente, pois o analisamos em sua materialidade, não de forma abstrata, mas, a língua inserida no mundo, suas formas de significar, bem como os sentidos produzidos a partir destes discursos, seja enquanto sujeitos ou membros de uma sociedade. Como defendem Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, p. 14, 18), “no discurso temos o social e o histórico indissociados” já que “entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso”.

Na perspectiva da Pachi Filho e Pimentel (no prelo), o discurso vai além da fala, do texto escrito, da entrevista. A partir da perspectiva do senso comum, ao termo discurso é associado o sentido de formalidade, como por exemplo, na posse em um cargo. Mas o discurso vai além da linguagem verbal, falada ou escrita! Podem ser objetos discursivos, passíveis de análise: a linguagem visual, fotos, imagens, filmes, entrevistas, textos, vídeos, documentários, matérias da internet, redes sociais, livros, comerciais e publicidades, propaganda eleitoral, jornal, pichações, portas de banheiros, dentre outros.

O discurso é assim, “palavra em movimento”, já que por seu estudo, percebe-se o homem falando. Na análise de discurso o que se busca é a compreensão da língua “fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”, bem como objetiva-se conhecer melhor o homem como um “ser especial com sua capacidade de significar e significar-se”. Na análise de discurso, a linguagem é concebida como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”, representada pelo discurso (ORLANDI, 2012, p. 15).

Na AD o discurso se move e se ressignifica. Para tentar captar esse processo dinâmico

de mobilidade discursiva, o analista deve recorrer aos chamados movimentos pendulares, conforme Petri (2013, p. 40), que discute que “o dispositivo teórico-metodológico da Análise de discurso se constrói num movimento pendular entre teoria e análise”. Para o autor, partindo da inércia, o pêndulo movimenta-se de leste a oeste, metaforicamente, na análise de discurso, supondo ser o leste a teoria e o oeste a análise, ou vice-versa, movendo-se nos dois sentidos, pois nenhuma força externa age sobre o pêndulo.

Como se inicia o movimento pendular entre teoria e análise? Petri (2013) argumenta que é impossível precisar de onde se inicia esse processo, já que ele pode ou não se iniciar na teoria, bem como na análise, no contato do analista com seu objetivo a ser analisado. Essa relação imbricada entre teoria e método são constitutivos do discurso na perspectiva Pecheutiana de Análise de discurso, admitindo a impossibilidade de se empregar a AD apenas como método, sendo esta uma particularidade da AD, como defende Orlandi (2012b, p. 12): “ser aberto, dinâmico (não positivista), não sendo tomado como aplicação automática da teoria, mas como mediação entre teoria e análise, na busca dos procedimentos próprios ao objeto que se analisa”. Assim, a Análise de discurso Pecheutiana é ao mesmo tempo teoria e método de investigação.

A análise do discurso trabalha com a língua no mundo, na sociedade, não de forma abstrata, pois se pensa o homem falando, considerando que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Parte-se de concepção de que a “materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. Estuda-se o confronto entre o político e o simbólico, interpelados pela historicidade e a relação homem e língua neste contexto, já que para Pêcheux, citado por Orlandi (2012, p. 16-17) “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”.

Assim, o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, pois desta forma, a língua faz sentido para os sujeitos. No entanto, Orlandi (2012, p. 21) argumenta que o processo de comunicação (da informação) não é linear, posição respaldada por Pêcheux, que defende que “a relação entre língua e discurso não é homogênea, regida por regras, organizado, não é uma máquina lógica”. Considerando que na perspectiva Pecheutiana “o discurso é efeito de sentido entre locutores”, o analista de discurso de perseguir os de efeitos de sentidos produzidos pelo discurso.

Quanto à relação entre sujeito, história e linguagem, Orlandi (2012, p. 25-26) comenta que em AD, “a linguagem é linguagem porque faz sentido [...] e [...] só faz sentido porque se inscreve na história”. Assim, a partir dos anos 1960, busca-se problematizar “a relação do sujeito com o sentido, ou seja, da língua com a história”. Neste contexto, a análise de

discurso surge com uma disciplina que “teoriza a interpretação, isto é, que coloca a interpretação em questão”. Em AD não existem roteiros prontos, “não há chave de interpretação [...], há método, há construção de um dispositivo teórico”. Não há verdade oculta atrás de um texto, existem gestos de interpretação que o analista deve compreender.

Orlandi (2012) faz uma distinção essencial entre inteligibilidade, interpretação e compreensão. Inteligibilidade tem como referência a língua, ao saber comunicar-se num código linguístico comum, mas não sendo necessariamente interpretável. A interpretação é o sentido levando-se em consideração o co-texto e o contexto; no entanto, quando interpretamos já estamos presos em um sentido. Já a compreensão é mais profunda, pois compreender é saber como um objeto simbólico produz sentidos, como as interpretações funcionam; compreender implica em explicitar os processos de significação contidos no texto, bem como captar outros sentidos ali contidos e sua constituição. Para tanto, o analista deve formular uma questão de análise - ou questão discursiva - que desencadeie a análise, mobilizando conceitos que a permitam e tornem sua construção factível e singular.

Orlandi (2012) discute que a forma como nos significamos e significamos o outro, afeta completamente a nossa compreensão sobre o discurso e sobre as possibilidades de sua análise. Pêcheux não usa o termo indivíduo e sim sujeito, considerando que os sujeitos são interpelados pela ideologia, na perspectiva de Althusser. Pelo inconsciente, a ideologia transforma indivíduos em sujeitos, um sujeito descentrado, que não é senhor de si na origem dos sentidos, não os controlando totalmente, sendo afetado pelo inconsciente sócio-historicamente constituído, com base em Lacan.

Segundo Orlandi (2012), justificado pelo não sentido do inconsciente, a AD não se interroga buscando as intenções do sujeito, quanto à esfera do nível de consciência, mas sim buscando os efeitos de sentidos advindos das relações simbólicas. Desta forma, a ideologia é concebida não como ideias, mas sim, como forças materiais, que não se originam nos sujeitos, mas sim constituem os indivíduos em sujeitos. Ação, atividade e intenção são termos rechaçados. Contudo, o fato de sermos sujeitos assujeitados, interpelados pela ideologia, sujeitos a incompletude da língua e a contradição da história, não significa a inexistência de resistência. Como explicitam Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, p. 19), “o assujeitamento é a própria possibilidade de se ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz)”.

Orlandi (2012) fala sobre o acontecimento discursivo, considerando que não nos apartamos do universo social e simbólico, existindo um movimento dos sentidos à cada análise. Argumenta que não existe um sentido imanente à materialidade da língua, e sim,

existe uma ordem do discurso que se busca compreender. Assim, o acontecimento discursivo se manifesta na e pela linguagem, conforme a posição dos sujeitos, o lugar social, sendo que os acontecimentos do discurso estão na intersecção entre atualidade e memória. Desta forma, os enunciados só ganham sentido porque já tem sentido e são ressignificados em cada retomada.

Ainda sobre o acontecimento discursivo, Orlandi (2012) faz alguns questionamentos sobre tal processo, quais sejam: *i)* como o acontecimento aciona as redes da memória? *ii)* que sentidos são convocados pelos sujeitos para significar o acontecimento? *iii)* como o acontecimento é organizado na estrutura da linguagem? *iv)* como podemos escrever e interpretar a organização discursiva dos acontecimentos? A partir destes questionamentos, Orlandi (2012) aponta alguns cuidados essenciais neste processo, como por exemplo, não fazer presunções, não se limitar a análise linguística, não se deixar consumir por posições ideológicas. Ao analista, cabe ater-se na construção social e histórica do significado e desnaturalizar-se quanto à língua.

Orlandi (2012) fala que o analista em AD deve sair do universo logicamente estabelecido de relações, daquilo que está estabilizado, já que o discurso comporta o não logicamente estabelecido. Por exemplo, deve-se desestabilizar a relação com a linguagem, pois esta é falha e possui brechas, sendo que tal processo de desestabilização permite o deslizamento de sentidos, que é essencial na AD, o que possibilita que todo enunciado pode deslocar-se e tornar-se outro. Neste processo, acessar as condições de produção do discurso é essencial à Análise de discurso.

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. O sujeito de que se fala “não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso”, já que em toda língua existem mecanismos que permitem que se passe da situação sujeito para a posição sujeito em determinado discurso. Assim, não é o sujeito físico, o sujeito empírico que funciona no discurso, mas sim a posição sujeito discursiva. Quanto à situação, esta pode ser compreendida de duas formas: *i)* em seu sentido estrito, o contexto imediato que é compreendido pelas circunstâncias da enunciação, o aqui e agora, o momento; ou *ii)* em seu sentido amplo, compreendendo o contexto sócio-histórico e ideológico. Esta divisão entre as duas formas de situação é apenas didática, pois na prática, de fato, é indissociável (ORLANDI ; LAGAZZI RODRIGUES, 2006).

A enunciação está inserida num contexto social, histórico e ideológico, sendo regulada pela memória discursiva, que é acionada, e, dependendo da forma como é acionada, faz valer as condições de produção. Neste jogo, as chamadas formações imaginárias regem o discurso:

a imagem que o sujeito faz dele, de seu interlocutor, e do objeto de discurso, bem como a imagem que o interlocutor faz dele próprio, de quem lhe fala e do objeto discursivo. Neste cenário, existe a possibilidade de antecipação, capacidade que todo locutor tem de se colocar na posição de seu interlocutor para antecipar-lhe a resposta, sustentando a capacidade de argumentação do sujeito (ORLANDI; LAGAZZI RODRIGUES, 2006).

Elemento essencial da composição das condições de produção são as chamadas relações de força, já que as posições que os sujeitos ocupam não são neutras, sendo carregadas de poder, o que constitui as relações de força. Analisar o lugar social, o lugar de que se fala, talvez demarcado por um posto ou cargo, bem como por uma posição institucional, são questões fundantes do processo de análise de discurso. Nesta arena do discurso, “segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa”. Desta forma, importa se falamos da posição de presidente da empresa ou de funcionário, de professor ou de aluno, de pai ou de filho, sendo que de cada lugar que enunciamos existe uma força própria na relação de interlocução, que se representa nas posições sujeito (ORLANDI; LAGAZZI RODRIGUES, 2006, p. 16).

Orlandi (1996) afirma que o sentido de uma palavra, de uma expressão não existe em si mesmo, numa relação de transparência com a literalidade; ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico onde são produzidas, ou melhor, reproduzidas. Desta forma, mudam de sentido conforme as posições sustentadas pelos sujeitos que as empregam, sendo que, essa projeção das formações ideológicas na linguagem é a chamada formação discursiva. Assim, Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006), chamam de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica, ou seja, a partir de uma posição, de uma conjuntura dada, determina o que pode e o que deve ser dito.

Para Pêcheux (1969), não podemos pensar sentido e sujeito sem pensar ideologia, bem como não podemos pensar a ideologia sem pensar a linguagem; assim, a relação língua e ideologia afetam a constituição do sujeito e do sentido. Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006) argumentam que, como a palavra se constitui pela inserção em determinada formação discursiva, ela não terá sentido próprio, literal, não existe uma essência do sentido, mas sim, um sentido vinculado à determinada formação discursiva; na mesma medida, determinadas palavras, expressões ou proposições, diferentes em sua constituição literal, podem, inseridas em uma mesma formação discursiva, assumirem o mesmo sentido.

Neste sentido, quando fazemos uma análise, a posição sujeito e o sentido se relacionam a uma inscrição em determinada formação discursiva. Para ilustrar, a palavra “salário” pode assumir diferentes significados quando referida à formação discursiva do

empregado ou do patrão, ou ainda a palavra liberdade pode ter significações diferentes se considerarmos a formação discursiva de um pai ou de um filho; Em outro sentido, as palavras amor ou ódio podem significar a mesma coisa, quando inseridas em uma mesma formação discursiva onde são equivalentes. Um conjunto de formações discursivas constitui o chamado interdiscurso, afetado pelo complexo de formações ideológicas, que determina a formação discursiva (ORLANDI; LAGAZZI RODRIGUES, 2006).

Como afirmam Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, p. 18), “o próprio da formação discursiva é dissimular na transparência do sentido, a objetividade material contraditória do interdiscurso que a determina”. A objetividade material contraditória se constitui no fato de que algo sempre fala antes, em outro lugar, de forma independente. O interdiscurso se refere a todo dizer já dito, é o saber, a memória discursiva, pois “para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela já faça sentido”, pois, por meio do efeito do pré-construído, derivado do interdiscurso, é que se “faz com que ao dizer já haja um efeito de já dito sustentando todo o dizer”. Desta forma, ao conjunto de enunciações já ditas e esquecidas é dado o nome de interdiscurso. Orlandi (2012) explica que existem dois eixos: um horizontal, onde o intradiscurso se manifesta e outro vertical, onde as relações interdiscursivas acontecem. Há uma relação entre o que já foi dito, o interdiscurso, e aquilo que está sendo dito no momento presente, o intradiscurso, entre a constituição e o sentido, na perspectiva apresentada por Courtine (1985).

A Memória discursiva, que discutimos quando abordamos a perspectiva de interdiscurso, sobre algo que fala antes, é o já dito, que constitui todo dizer. Orlandi (2012) argumenta que Courtine, em 1985, pensou esta questão sob dois eixos: um vertical, que se refere à constituição do dizer; e outro horizontal, que trata da formulação. No ato de dizer, tais eixos se cruzam, e dessa intersecção, entre constituição e formulação, a constituição do dizer determina sua formulação. Para Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006), a memória discursiva se encontra no eixo vertical, onde qualquer formulação acontece num conjunto de formulações já feitas, porém esquecidas. Assim, o esquecimento constituiu a memória discursiva, já que os sujeitos não controlam todos os sentidos que nele se formam.

Os esquecimentos, por sua vez, são concebidos na análise de discurso sob duas possibilidades: o esquecimento número 1 e esquecimento número 2. No esquecimento número 1, o chamado esquecimento ideológico ou inconsciente, o sujeito que fala não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, já que se constitui por tal esquecimento que o determina, se constitui por tal inscrição na formação discursiva, sendo da ordem de constituição do sujeito e do sentido; considerando o esquecimento número 1, tem se

a ilusão de ser a origem do que diz. Já o esquecimento número 2 é da ordem da formulação, pois o sujeito esquece que outros sentidos são possíveis. No decorrer de seu dizer formam-se famílias parafrásticas do que poderia ser dito, mas não foi; não é inconsciente, sendo que o sujeito recorre a estas possibilidades de dizer para precisar o que está dizendo, o chamado esquecimento anunciativo. Neste sentido, no esquecimento número 2 o sujeito produz a impressão da realidade do pensamento, pelas relações entre o que se diz, se pensa e a realidade referida (ORLANDI; LAGAZZI RODRIGUES, 2006).

O uso da metáfora é um recurso típico em análise de discurso. O chamado efeito metafórico, conforme Pêcheux (1969, p. 96), é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” que gera um “deslizamento de sentido” entre um termo x e outro y, constitutivo de seus sentidos designado. Neste sentido, Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, p. 27) afirmam que, considerando as línguas naturais, opostas aos códigos e línguas artificiais, “não há sentido sem essa possibilidade de deslize, e, pois, sem interpretação”, já que a interpretação é constitutiva da própria língua (natural); assim, quando consideramos a língua natural, “toda descrição está intrinsecamente expostas ao equívoco da língua”. Nas palavras de Pêcheux:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (lexico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

Exceto quanto ocorram proibições explícitas para a interpretação, o deslizamento de sentido pela metáfora é possível. Recorrendo a Pêcheux ([1975], 2009), a metáfora concebida enquanto transferência, ou seja, a substituição de uma palavra por outra, e não como desvio, é constitutiva do sentido. Para Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006, p. 27), as paráfrases, constituídas a partir deste conjunto de deslizamentos, “instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas e são o vestígio da historicidade”, sendo que o deslize, que é “próprio da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade”. Assim, compreendemos a relação da língua com o discurso.

Para ilustrar, Orlandi e Lagazzi Rodrigues (2006) trazem um caso parafrástico, onde pelo efeito metafórico, pela deriva, pelo deslizamento entre um e outro enunciado, nos permite compreender o elemento da historicidade na análise de discurso:

- 1) Não há liberdade sem luta.
- 2) Não há liberdade sem paz.

No primeiro caso, notamos a perspectiva de quem vive um regime ditatorial, sendo a luta, a resistência, o caminho para alcançar uma sociedade que promova a liberdade. Já no segundo caso, observamos que a ótica de quem discursa é de um cotidiano de liberdade, mas que se vê ameaçado pela guerra, buscando garantir a liberdade pela paz. Recorrendo a Pêcheux, o deslizamento de 1 para 2 afeta ambos, o que nos leva a considerar a relação imbricada entre um e outro, já que o sentido é sempre relação a algo. Observa-se a relação contraditória entre luta a paz, já que estas constituem o sentido de liberdade, pois o deslizamento de “sem luta” para “sem paz” aponta para um movimento de sentidos que mostra a historicidade presente neste deslocamento.

Desta forma, embora se admita que não existam fórmulas a serem seguidas para a construção de um percurso em análise de discurso, Pachi Filho e Pimentel (no prelo) apresentam um trajeto para construção da análise de discurso. Destacam que, é preciso incomodar-se com algo que pareça evidente e estabilizado, não se esquecendo da perspectiva materialista do discurso; deve-se definir tema, objeto e objetivos factíveis, bem como a seleção do material de análise, possibilitando o recorte temático e a seleção do *corpus* de análise, culminando em uma questão discursiva que norteará a análise; deve-se levantar as condições de produção do discurso, identificando as marcas discursivas e regularidades; tais marcas permitem que se trabalhe com as paráfrases e polissemias.

2.2 A ANÁLISE DE DISCURSO NO CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS BRASILEIROS

Orlandi (2012), ao falar sobre os procedimentos de compreensão em relação aos sentidos produzidos pelos objetos simbólicos, bem como seus efeitos e significâncias em relação aos sujeitos, destaca que, em face dos dispositivos teóricos de interpretação, existe uma parte que é de responsabilidade do analista e outra que se sustenta no rigor do método e no alcance teórico da análise de discurso. Cabe ao analista, elaborar a questão discursiva ou questão de análise de forma assertiva.

A partir desta questão de análise, o que poderíamos associar a um problema de pesquisa, o analista deve mobilizar conceitos singulares, ou seja, que não seriam mobilizados por outros pesquisadores ou acionados de forma diferente, conferindo a cada análise um caráter único. Na verdade, um mesmo analista, a partir da formulação de uma questão diferente, poderia também mobilizar conceitos diferentes, pautado em distintos recortes conceituais (Orlandi, 2012).

Neste sentido, Orlandi (2012) faz uma distinção entre dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico. Mesmo sendo englobando pelo dispositivo teórico, o dispositivo analítico se refere a este dispositivo teórico individualizado para uma análise específica, sendo construído pelo pesquisador a cada análise. Isto justifica sustentar que, apesar do dispositivo teórico ser o mesmo, os dispositivos analíticos não o são. O dispositivo de análise é definido pela questão discursiva, a natureza do material analisado bem como o fim a que a pesquisa se destina.

Orlandi (2012, p. 28) argumenta que o dispositivo teórico, que tem como função mediar o movimento entre descrição e interpretação, tem como sustentação os princípios gerais da Análise de discurso, seus conceitos e métodos, mantendo-se inalterado, mesmo na construção de diferentes dispositivos analíticos. Após análise, com a compreensão do processo discursivo, “os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu”. A forma como o pesquisador construiu seu dispositivo analítico é crucial para o alcance das conclusões.

Superada a ilusão da transparência da linguagem e em contato com a materialidade do processo de significação e da constituição do sujeito, o analista deve retomar a questão inicial. Sobre este percurso, Orlandi (2012) comenta que a questão está presente no início, com a função de desencadear a análise e construção do dispositivo analítico adequado, bem como presente no final, quando retorna para gerir a forma “como o analista deve referir os resultados da análise à compreensão teórica do seu domínio disciplinar específico: o da própria Análise de Discurso, [...] o da Política, da Sociologia, da Antropologia, etc, dependendo da disciplina que se filia o analista”.

No entanto, Pachi Filho e Pimentel (no prelo, p. 1) destacam que no contexto acadêmico-científico contemporâneo é notória a profusão de “confrontos teórico-metodológicos diretos ou impensados, apropriações e combinações *in-devidas*, desvios, negações e interdições *in-fundadas*”. Desta forma, “pelo *des*-conhecimento do saber outro e do saber do outro, significam a sua aceitação e/ou recusa”. Neste sentido, é fundamental, sobretudo “quando alguém afirma trabalhar com ‘análise de discurso’ é justamente [saber] de qual vertente/abordagem se trata”.

Atento a tais questões, adentramos ao campo dos estudos organizacionais brasileiros, podendo perceber que, sobretudo nas últimas décadas, ocorreu uma maior aplicação de métodos transpostos de outras áreas do conhecimento. Desde métodos da história, aos métodos da geografia, da antropologia, bem como àqueles da área linguística. Neste estudo,

temos foco na análise de discurso francesa Pecheutiana, não visando o esgotamento, mas sim, a busca pelo que uso desta no campo dos estudos organizacionais.

Em 2014, sob a organização de Eloisio Moulin de Souza, foi lançado o livro com o título “Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual”. Neste material, em seu primeiro capítulo, sob a responsabilidade de Mariana Mayumi Pereira de Souza e Alexandre de Pádua Carrieri, discute-se “a análise do discurso em estudos organizacionais”, sendo este o título do capítulo. Logo de início, destacam a colocação de Godoi e Balsini (2006), onde argumentam que a crescente adoção da AD, tanto em sua perspectiva ontológica, epistemológica ou metodológica, ocorre na esteira de diversas transformações nas ciências humanas e sociais, mais detidamente nas ciências sociais aplicadas, em foco, nos estudos em organizações (SOUZA e CARRIERI, 2014).

Souza e Carrieri (2014) destacam que a partir dos anos 1960, as abordagens interpretativistas da realidade ganham espaço nos estudos organizacionais, em contrapartida a supremacia dos modelos positivistas e quantitativos. Destacam que nos últimos 30 anos, a partir da virada linguística, a AD ganha representatividade, sobretudo nas ciências sociais e humanas, pela nova concepção dada ao papel da linguagem na realidade social. Apoiados em Brandão (2004), argumentam que houve um deslocamento de foco, da questão de como os elementos sociais funcionam para o que eles significam. Neste sentido, Souza e Carrieri (2014) argumentam:

A análise de discurso tem sido considerada uma fonte robusta de elementos metodológicos para respaldar análises qualitativas que busquem evidenciar processos de construção de sentido em dados contextos sociais e organizacionais. O uso da AD direciona o pesquisador para um viés interpretativo e construtivista, pois se parte do pressuposto de que o mundo social é historicamente construído a partir de práticas discursivas que conferem significado simbólico aos elementos das interações humanas. Essas práticas são respaldadas por relações de poder e reprodutora delas.

Souza e Carrieri (2014) apresentam algumas experiências de aplicações de análise de discurso em contextos organizacionais. Carriéri, Leite-da-Silva e Souza-Ricardo, em 2005, discutem a respeito da temática ambiental em discursos empresariais; Hartz e Habscheid (2006) analisam três tipos de revistas corporativas sob a responsabilidade de uma empresa automobilística alemã direcionada aos empregados; Vechio, em 2005, faz um texto teórico-reflexivo onde analisa como o discurso é construído no campo da teoria organizacional a partir da naturalidade, desconsiderando a ideologia e a história; Munir e Phillips, em 2005, analisaram textos, publicidades, documentos, relatório e entrevistas com diretores da empresa Kodak, abordando a influência da corporação no comportamento dos consumidores, a partir

de práticas discursivas; e, por fim, Corrêa e outros, em 2007, que estudam as representações de gênero em jornais corporativos de circulação interna.

Os casos apresentados por Souza e Carrieri (2014), ilustram a amplitude de possibilidades de pesquisas no campo dos estudos organizacionais que se abrem a partir da perspectiva da análise de discurso. A possibilidade de pesquisas usando AD pode abranger, além da perspectiva textual, a semiótica, pela análise de símbolos e signos; assim, abrange-se a possibilidade de pesquisas com uso da AD, para elementos verbais e não verbais.

Alves, Gomes e Souza, 2006, citados por Souza e Carrieri (2014), pesquisaram os estudos organizacionais brasileiros sob a orientação da análise de discurso, abrangendo o período de 1997 a 2005. A pesquisa apresenta que, a partir dos anos 1990, a AD se difundiu pelo Brasil. Os autores classificam que a maioria das pesquisas brasileiras se enquadram nas abordagens interpretativistas. A perspectiva que temos neste estudo, caso se torne possível a publicação deste trabalho, é aprofundar a produção de conhecimento no campo dos estudos organizacionais brasileiros, que tenha como teoria-método a análise de discurso, detendo-nos especificamente na perspectiva Pecheutiana.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotamos como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa, a partir da discussão teórica e revisão de literatura da análise de discurso francesa, focando na perspectiva Pecheutiana e sua aplicação nos estudos organizacionais brasileiros. Por meio de uma revisão sistemática, consultamos junto às bases de pesquisa públicas disponíveis, com acesso aos principais periódicos nacionais, sobre a aplicação da análise de discurso nos estudos organizacionais brasileiros. Direcionamos foco na análise de discurso francesa, como base na perspectiva teórico-metodológica de Michel de Pêcheux.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUTIANA AO CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS BRASILEIROS

Neste item, buscamos indicar possíveis discussões e considerações a serem detidamente exploradas numa possível publicação acadêmica. Com base na pesquisa preliminar desenvolvida, carecendo de maior aprofundamento teórico, pela revisão

sistemática, buscamos indicar tópicos a serem explorados em tal análise, quais sejam:

- Discutir sobre as potencialidades, limitações, resistências e fragilidades da teoria-método da Análise de discurso no campo dos estudos organizacionais brasileiros. No estudo preliminar observamos que nas últimas três décadas se difundiram nas áreas de pesquisas humanas e sociais a análise de discurso, em contrapartidas às abordagens positivistas e qualitativas.
- Aprofundar os livros, capítulos, artigos, teses e dissertações que empregam AD, com foco final em Pêcheux;
- Esclarecer sobre o que é o que não é análise de discurso, focando a perspectiva Pecheutiana; identificar diferenças com outras análises, qualitativas, de discursos, bem como confusões com a análise de conteúdo. Buscar elucidar principais semelhanças e diferenças;
- Adaptar ou não adaptar: Eis a questão! Os riscos implicados na adaptação, no ajuste do da Análise de discurso à nossa área, sendo passível de perda de originalidade e distorção da teoria-método *versus* a dificuldade natural de distanciamento da “administração”, quando aplicado sem adaptações;
- O que é como se procede em relação à questão do distanciamento do analista de discurso, de suas ideologias? Como fica o inconsciente? É possível de alguma forma se distanciar? Em que medida?
- Cuidados e riscos aos pesquisadores de administração/estudos organizacionais em usar a Análise de discurso francesa de forma utilitarista e funcional, se distanciando das suas origens;
- Em que medida os métodos transpostos auxiliam ou prejudicam a pesquisa em estudos organizacionais? Focar esta questão na Análise de discurso.

4.2 A PROPOSIÇÃO DE UMA AGENDA SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL

Neste item, nossa proposição visa estabelecer questionamentos aos pesquisadores da área de estudos organizacionais, manifestando encaminhamentos que são questões caras no processo de transposição da análise de discurso francesa ao campo científico da administração. Não se tem a intenção de prescrever ações a serem seguidas, mas sim, estabelecer a discussão sobre metodologia qualitativa em administração, à luz da análise de discurso francesa, na perspectiva de Pêcheux:

- Cuidado ao analisar: não presumir, não se limitar a linguística, não se deixar consumir por posições ideológicas; o analista deve-se ater na construção social e histórica do significado e

desnaturalizar-se quanto à língua.

- Escapar do universo logicamente estabelecido de relações, do estado inercial, do não deslizamento; tal posição permite os deslizamentos de sentidos, que são essenciais. Quando não se deslizam os sentidos a inércia consome o discurso, aproximando-o a análise de conteúdo;
- O uso dos recursos da polissemia, da paráfrase e dos efeitos metafóricos auxilia no processo de deslizamentos de sentidos, permitindo a análise de discurso. Se as paráfrases são o retorno aos mesmos espaços de dizer, as polissemias são os múltiplos sentidos; “brincando com os incômodos”, os sentidos se deslocam, os deslizamentos ocorrem, abrindo-se a sentidos outros. No processo parafrástico, encontram-se as regularidades discursivas;
- O discurso comporta o não logicamente estabelecido; desta forma, todo enunciado pode deslocar-se e tornar-se outro. O que se analisa são os efeitos de sentidos do discurso;
- Analisar o lugar social, o lugar institucional, o lugar de que se fala é questão essencial na análise de discurso francesa. O sujeito do discurso tem seu discurso condicionado a este “lugar de que discursa”;
- Toda análise de discurso deve partir de um incômodo. Deste incômodo, emerge o material de análise a ser estudado, com base no tema de pesquisa, objeto de análise, objetivo e pergunta discursiva;
- O material de análise é a base de onde se destacam as marcas linguísticas, possibilitando os recortes que definem a extração do corpus de análise;
- Observar as condições de produção de discurso é questão *sine qua non*. Considerar a dinamicidade do discurso, representado pelo lugar social dos sujeitos, a situação e a memória discursiva, permite uma análise adequada. As condições de produção indicam o que pode e não pode ser dito sobre um tema, além do conteúdo;
- O movimento pendular entre teoria e análise é fundamento constituinte de uma bem executada análise de discurso. Por tratar de disciplina de entremeio entre teoria e método, conforme Pêcheux (buscar ano), esse constante intercâmbio entre estas duas esferas é essencial a uma análise de discurso adequada. O constante ir e vir à teoria permite que o analista não se iluda pelas primeiras impressões, bem como não se limite a superficialidade do discurso, bem como não seja sequestrado por emoções ou ainda refém de um olhar passional sobre o material de análise;
- O que se busca na análise de discurso são os efeitos de sentido produzidos pelo discurso; tanto o dito, quanto o silenciado, o apagado ou o esquecido, são passíveis de análise;
- Deve-se buscar conhecer o que é Análise de discurso. Ainda existe muita confusão entre a

análise de conteúdo e a análise de discurso, e, dentre as diversas perspectivas de análises de discurso possíveis;

- O uso da análise de discurso deve ser realizado com parcimônia. Somente o uso moderado, cuidadoso, permite uma análise que esteja adequada às demandas dos estudos organizacionais, sem perder o contato com suas raízes. Tanto a mistura de análises de diferentes vertentes, como as confusões teórico-conceituais com a análise de conteúdo, carecem de atenção quanto ao seu emprego;
- Deve-se buscar desestabilizar a relação com a linguagem, já que a linguagem é falha e possui brechas; Neste sentido, ao focar a questão linguística, a palavra, corre-se o risco de se desconsiderar os elementos do inconsciente e ideologia, componentes na análise de discurso Pecheutiana;
- No movimento pendular entre teoria e análise, importante dar atenção aos cuidados que se deve ter para não buscar o caminho “a favor da correnteza” e fazer da pretensa análise de discurso uma análise de conteúdo, ou ainda outra análise qualitativa genérica, sem os deslizamentos necessários à análise de discurso;
- Cuidado para não tornar o discurso excessivamente racional, consciente, direcionado, planejado e premeditado; ao contrário, deve-se permitir que o discurso emergja das condições de produção a que esteja submetido. A pretensiosa e falaciosa ilusão do controle absoluto da situação, a partir desta concepção, é posta em xeque.
- A análise de discurso não visa buscar intenções do sujeito discursivo, ou seja, não tem como pretensão atravessar o discurso para encontrar sentidos obscuros por trás das palavras, que escondam as intenções do sujeito. Analisa-se o discurso pelo discurso, considerando a sua materialidade e inserção na história.

5 CONCLUSÕES

Assim, chegamos a possíveis considerações sobre Análise de discurso, que podem ter implicações interessantes sobre o campo dos estudos organizacionais:

- Nas últimas três décadas têm se difundido o uso e aplicação da análise de discurso nas ciências humanas e sociais, em foco, os estudos organizacionais; o aprofundamento necessário permitirá identificar os desafios e oportunidades a esse tipo de pesquisa à administração;
- A análise de discurso é um entremeio entre teoria e método, representado pelo batimento entre teoria e análise; assim, assumir a teoria implica em assumir o método, pois

estes não devem ser usados de forma dissociada, o que comprometeria decisivamente a análise;

- Como se trata de uma teoria/método, conhecer as especificidades da teoria a partir da perspectiva Pecheutiana de análise de discurso é fundamental para sua aplicação adequada; aos interessados, é mister buscar compreender essas distinções, sobretudo com a análise de conteúdo e outras vertentes, para evitar equívocos quanto ao uso;

- Não há um modelo padrão para análise de discurso da perspectiva Pecheutiana, o que pode frustrar pesquisadores mais metódicos ou acostumados a modelos mais esquemáticos de pesquisa; existem sim princípios norteadores, consumados na própria teoria/método, que direcionam possíveis trajetórias de análise de discurso;

- A análise de discurso se aprende fazendo; é um constante processo de ir e vir à teoria, desvendando suas complicações típicas e pertinentes, tanto mais quando transposta para outras áreas, como é o caso da aplicação na seara dos estudos organizacionais;

- O discurso é vivo, é movimento, é dinâmico. Por não ser estático, demanda um olhar apurado, uma análise teoricamente sustentada, pois considerando essa mobilidade, movimenta-se, ressignifica-se, assumindo os mesmos ou outros sentidos, conforme as específicas condições de produção do discurso;

- O discurso é material, está inserido na história; deslocar o sentido dessa condição ou isolá-lo, a fim de desconsiderar ou ignorar as condições de produção, a situação, a memória discursiva e o lugar social de que os sujeitos falam, é similar a castrar as possibilidades de uso da análise de discurso;

- Considerar as posições dos sujeitos é essencial no processo de análise de discurso; o lugar social que os sujeitos de discurso ocupam é fator determinante na construção deste discurso, pois as condições de produção para o discurso tem forte relação com a posição estes ocupam, considerando que, a cada sujeito, a partir do lugar de que fala, é permitido ou interdito o discurso;

- Não se deve buscar intencionalidade do discurso, ou seja, não se deve buscar “atravessar” o discurso para buscar sentido, já que devemos nos concentrar na materialidade do discurso inserido na história, buscando a opacidade do texto.

- O analista não deve buscar descrever, mas sim, analisar o discurso, já que se não haver o deslocamento de sentidos necessário, a análise de discurso se transforma num mal-ajambrada análise de conteúdo, ou nem isso.

Por fim, a análise de discurso é inquietante e desafiadora. Aos acostumados com métodos “a favor da correnteza”, ou ainda que desprezem e/ou não se interessem pelo

conflito, pelo contraditório, pela opacidade, possivelmente causa estranheza. A falta de roteiros pré-definidos, contendo o passo-a-passo para a realização da análise também é uma novidade que causa impacto, sobretudo àqueles que nunca tiveram contato com esse tipo de pesquisa.

Ressaltamos que, a perspectiva deste artigo em uma possível publicação futura, é aprofundar a discussão sobre a análise de discurso no Brasil, atualizando, aprofundando, discutindo e criticando a acumulada e atual produção acadêmica dos estudos organizacionais brasileiros.

REFERÊNCIAS

- GRIGOLETTO, E. A Noção de Sujeito em Pêcheux: uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação (La Notion du Sujet en Pêcheux: une Réflexion sur Le Mouvement de Desidentification). *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n.1, p. 61-67, junho, 2005.
- INDURSKI, F; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) **Michel Pêcheux e a Análise de discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007.
- MORAES, R; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual discursiva*: Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012a.
- _____. *Discurso em Análise*: Sujeito, sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.
- _____. *Discurso & leitura*. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- PACHI FILHO, Fernando; PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. Trajetos em Análises de Discurso. In: TOLEDO, César de Alencar Arnaut (Org.) [no prelo].
- PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: _____; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, p. 39-48, 2013
- PÊCHEUX, M. *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento*, Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.
- SOUZA, M. M. P. de; CARRIERI, A. P. A análise do discurso em estudos organizacionais. In:
- SOUZA, E. M. (org.), “Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional,” *EDUFES*, acesso em 30 de janeiro de 2015, disponível em <<http://www.edufes.ufes.br/items/show/26>>.